

“Nada impede que reencontres o caminho que os habitantes das cavernas abriram um dia sem tradição”

(Merleau-Ponty)

A Burra é uma alegoria¹, que se dirige aos olhos. Tão colorida que fora do folguedo faz doer a visão, mas dentro, encanta o mundo com todas as suas diferentes estampas em flor, embora duvidemos do que vemos: uma Burra de flor e saia, cara engraçada, movimento maroto. Quem assim a vê chegar, trotando-entrando no meio da roda do terreiro, sorri ante a visão de um animal faceiro a animar a brincadeira. Será adivinharem porque sorriem?

Nem com quantas mãos se faz uma Burra, mas desconfio que seu corpo conta, porque ninguém para de olhar para ela. Com quantos infundáveis materiais? Do pau de miriti coletado e cortado, vendido em tábuas, cuidadosamente costurado com linha grossa – e não há brechas em sua armação, sustentada por varetas de bambu, nem mesmo onde ela é redonda. Tão leve e macia que até duvidamos: “é madeira mesmo, é?” Feita grande e aberta de propósito, para ocupar o espaço dos ares e permitir a movimentação solta do vaqueiro que lhe monta. A cabeça foi esculpida de acordo com este corpanzil, a fim de guiá-lo no caminho já traçado no chão do terreiro distante: seu rosto pontiagudo apontava para o sul.

Lembro dessa oficina escura e quase sem janela, com tantos materiais em suas sombras, tão pequena, mas com 03 mezaninos em alturas diferentes e escadas que se movimentavam para lhes dar acesso, cheiro de couro queimado, de Seu Paixão descendo das alturas infundáveis, com peças a serem terminadas, um enigma como encontrava exatamente o que queria e do que falava, este mundo outro dentro de uma portinha em uma das ladeiras da Madre Deus. É dali que saem todos os bichos importantes, do Maranhão e para o mundo. Fui procura-

¹ Do grego allos (outro) e agoreuin (falar em público).

lo muito bem recomendada: amiga de Tião. “Entra minha filha, a casa é toda sua”. A cada visita, via-se como Seu Paixão trabalha por devoção, pois Deus lhe deu um talento de mãos com que ganha a vida, e ele retribui espalhando estes bichos transformados em encantaria estrada afora, seu nome fazendo jus à dedicação de seu trabalho: Paixão. Foi a Burra assim me entregue em presente, porque muito o orgulha uma brincadeira em outras terras, num mundo violento como São Paulo, resmungando da coragem de Tião de ir ter nestas bandas, que afinal, por seu tamanho e contingente de pessoas, merece sim uma Burra serelepe enfeitando suas ruas. Além do mais, lembrou-se que Peixinho estava passando tempos à toa, podendo assim cobrir o bicho e continuar seu trabalho. “Aquele lá faz só serviço bem feito”, arremata com a martelada final no pescoço, um pouco torto. Abraço e beijo.

Sinto-me assim mesmo, quando saio da pequena oficina e continuo a subir a ladeira, com a bolsa de papéis e gravadores de um lado e a carcaça da burra no lombo desajeitado, procurando encaixe: transportando um conhecimento que começa muito antes de mim e irá muito além.

Lá onde a Sra. Dona Maria de Jesus cuida de minha filha pequena e apara a febre e a dor do meu corpo com mãos de quem cuidou de 08 filhos e muitos netos – sendo assim chamada por Morena de “Dona Nossa Senhora de Jesus” tivemos um grande debate por conta do tamanho do bicho e de como leva-lo a São Paulo. Tão grande que merecia um assento próprio, pagando passagem e tudo, ríamos sentados no meio fio da noite que é onde costumam resolver as grandes questões familiares. Celsinho separa o pescoço do corpo a marteladas, naquela força incontida só dele que eu não canso de admirar, vendo beleza em tudo na pele escura. Protesto e ele arremata – senão não entra no avião, menina – embrulha com papel de carga para dar importância ao conteúdo, carrega comigo no dia de ir embora. Chega assim ela no sul, rodeada de preocupações e esforços, já ruminando saudade. Somos todos humanos, é um mesmo país, e as diferenças é que fazem mesmo alguns grandes estragos.

Peixinho é brincante de família de boieiros. Negro sério, de poucas palavras, homo faber por excelência, *“não é um simples ajustador, é modelador, fundidor, ferreiro. Ele quer, na forma exata, uma matéria justa, a matéria que pode realmente sustentar a forma”*. (Bachelard) Para contar de burras fala um pouco mais, mastigando o passado pelo canto da boca. Conta suas histórias de menino, todas me comovem porque ninguém nunca deixa de ser menino, nem mesmo ele.

O movimento de terminar o trabalho só se concretiza de fato quando é anunciado em seu nome um pagamento de promessa. Um tal de comprar fita, linha, cola, agulha, corda de sizal, o forro, o rabo, e os olhos, como faremos os olhos? E as orelhas? E escolher entre quais tecidos? Flor, tudo flor, me lembrava Peixinho. *“Tem certeza que não pode ser liso? De bolinha? Listrinha?”*, perguntava ainda na porta da loja. *“Não pode não, bicha teimosa”*. Tudo flor e tudo cor. Recolhemos palpites de todos os envolvidos, e assim os materiais foram se juntando em sacolas esperançosas de chita e cetim.

Mesmo com tudo em mãos, ficou sendo costurada e enfeitada sem pressa, porque para essas coisas, não me apressa não, tudo tem sua hora. Trabalho diligente, de memória e amor, porque com o coração doído a peça ficava encostada. Mas meio no escuro, com luz difusa, de madrugada, Peixinho aperta os olhos. Buscando no fundo escuro da alma tempo antigo, as Burras de sua infância, aquelas coloridas que ele acarinhava o pescoço fascinado. Medindo e calculando, para o pescoço ficar liso e macio. *“Morena vai fazer assim”*, avisa ele, alisando de um lado a outro, apertando o olho de novo para a medição ficar perfeita. *“Quando fizer carinho tem que sentir que passa a mão no bicho”*.

Ficamos lá horas, ora trabalhando, ora admirando de longe. Coisa bonita. Matéria bruta ainda a ser trabalhada: a nossa humanidade. Concentração, ritmo e reflexão.

E porque Burra? Porque não cavalo? *“Porque burra que se preze não corre desembestada, como um qualquer cavalo, a não ser na vez de justa pressa, a serviço do rei ou em caso de sete razões”*.(Rosa, João Guimarães) E ela uma vez do Dono, amiga do Dono. Carrega tudo para o Dono, traz sorte, abundancia. É vista em

todo canto do país – com água, feixe de lenha, capim, farinha, leite e tudo o mais que for de serviço do homem, puxando carroça, lenta e sempre. Dono viaja longe, conversa com Burra, divide o pão com a Burra, Dono paga promessa pra Burra, chora e ri com Burra, que calada, tudo entende.² Dá-se a vida por sua Burra e até houve gente que trocou esposa por meiga e obediente Burra.³

Muita coisa não se sabe, se intui. E dançar, ora, se aprende dançando, a saia é que ensina o passo, e o corpo da Burra é que dá o tom. É dia de festa, a primeira deste longo ano depois daquele, a Burra roda, pula, corre. Quebra a quaresma, rompe o aleluia, assim, sem mais nem menos, simples e plenamente - simplesmente. Aprende com e para seu corpo recém vivido, Peixinho sorri de longe, satisfeito em aprovação, esmurrando pandeirão. Quem lhe monta não importa. É pessoa vinda de longe, do fundo da mata. É vaqueiro homem que está ali neste dia, boieiro sério na conquista de bicho novo, sisudo no manejar das rédeas e nos rodopios, tem só o compromisso de guiar o animal. Um galope violento, sem fim e sem começo, seis horas seguidas ou mais. Vaqueiro não quer foto nem filme, enterra o chapéu nos olhos, que ficam apenas com a visão do chão. Adivinha o movimento através da silhueta dos brincantes, é por milagre e diligência que não se trombam uns com os outros por uma noite inteira. Puxa as rédeas e empina, voltando atrás em meia lua fantástica quando o Caboclo de Pena aparece de repente. Depois trota e rebola, o bicho é menina-moça. A Burra ganha afago da Dona, agora sim tem vida. *“Mais do que isso, era seu complemento: juntos centaurizavam gloriosamente”* (Rosa, João Guimarães)

Coluna do Meio é seu nome, porque seu olha pisca lento e porque Burra está mesmo sempre no meio, entre os brincantes da esquerda e da direita, deste

² *“De tardinha, na hora de pegar estrada, tocavam, tardos: ele, tonto qual jamais outro, perdia logo a perpendicularidade, e se abraçava ao pescoço da mula, que se extremava em cuidados e atenções. Se a barrigueira estava frouxa e o arreio meio caindo, a burra estacava e ficava muito quieta. Sabia também abrir porteiros – e era por causa dessa e de mais outras habilidades que Manuel Fulo conseguia chegar em casa”.* (Rosa, João Guimarães)

³ O Pagador de Promessas, Dias Gomes.

grupo que se organiza festivo, no centro do terreiro. Media o mundo dos homens e dos deuses, o de cima e o de baixo. Fica entre os brincantes e a “assistência”, na hora de abrir passagem para os bailantes, e bem ao lado do Bichão Maior, entre o divino e o humano, na condição animal porque é Burra, mas de encantaria de outro mundo por ser tão florida e rodopiar no chão. Tem os que ainda querem montar, e não agüentam, pedem: “deixa eu brincar?” Deixo sim senhor.

Dia ou outro, quem a monta deixa de ser masculino. Aparece vaqueira mulher de saia rodada, valente porque enfrenta a multidão com chapéu um pouco mais levantado. Contam-se nos dedos as Vaqueiras mulheres deste país. Há quem se fantasiou de homem para correr sertão, tal e qual Maria Quitéria para lutar na guerra, vaqueira de Burra. Boi tenta tirar com o chifre chapéu de vaqueira, quer brincar, Burra corre, não vem não que minha saia rodopia. Passa debaixo dos chapéus dos Caboclos, todos riem, divertido. Vaqueira segurando a rédea já não guia, pode fechar os olhos e ir embora, burra vai sozinha. Quer rodar com o vento das penas, arriscar-se muito perto do chifre do Boi, e meu Deus, desce o Amo em pessoa para dançar com ela. Ele balança o maracá, aquele que hipnotiza todo o conjunto, e com passos trançados a leva em círculos. Ela vai, porque é burra, mas não é besta. Criança tem medo de Boi, porque tem chifre, e medo de Cazumba por conta da boca sombria, mas da Burra ninguém tem medo. Ela ganha afago, beijo, cochichos. Adoram quando ela empaca no meio do cortejo que desce a rua, porque empacam todas as Burras do Brasil, estas de personalidade: Não vai e pronto. Não adianta ter pressa, hora marcada, compromisso inadiável. Empacou, pode ajoelhar, agradecer, dar água e o comê. Assim, bem tratada, quem sabe? Porque Burra não amansa, acostuma.

Recompensa não se quantifica em canto nenhum desta vida. Estes são os resultados difíceis – depois de uma noite inteira de boa festa e boa música: O que é exatamente crer que nossa simplória e complexa humanidade, cheia de horrores e maravilhas deve ser festejada? Sei que ninguém sabe me dizer destas respostas, que por falta de lógica, não vêm com precisão. Estarmos todos juntos

no fim da noite, exaustos e contentes. Fim da festa a Burra ganha até beijo. Uma criança se aproxima e cochicha em seu ouvido: “Burrinha, burrinha, faço aniversário, vem na minha festa?” Burra balança contente. Burra roda, burra gira. Está cansada, mas ah, como é bom esse cansaço feliz.

Anos passam, Burrinha vai com a Dona. Precisa de pontos de costura, reformas que retomem do ponto de partida, novos enfeites, começa de novo, ano após ano: está um pouco diferente e espera-se, um pouco melhor. Seus machucados são visíveis, porque a vida, mesmo sendo de bailante, é dura. Tem furor para dançar essa dança da vida, galopando entre os seus, querendo arrumar o mundo. Ela, na simplicidade de bicho, tenta dar vez às coisas que importam. Por isso para tudo quando vê uma criança. Assim é que sem querer produz imagens de tirar o fôlego, imagens profundas, justas e verdadeiras, e nisso reside sua beleza.

Metáfora da vida, esta Burrinha. A dona, na ilusão de conduzi-la, sabe que na verdade, bem na verdade, é conduzida por ela.

“As burrinhas sabem ir, qual a qual, sem conversa, sem perguntas, cada uma no seu lugar, devagar, por todos os séculos e seculórios, mansamente, amém.” (Guimarães Rosa)